

Nova edição DVD da Cinemateca: O TÁXI N.º 9297, de Reinaldo Ferreira

O TÁXI N.º 9297, de Reinaldo Ferreira (o célebre jornalista português do início do século XX que assinava as peças como Repórter X), é a mais recente edição em DVD da Cinemateca, com lançamento no próximo dia 12 de julho às 18h30, na livraria Linha de Sombra, com a presença de Ricardo Vieira de Lisboa (autor do video-ensaio sobre Reinaldo Ferreira que acompanha o DVD) e de Tiago Baptista, diretor do ANIM. Realizado em 1927, **O TÁXI N.º 9297** foi um dos títulos da efémera produtora Repórter X Film, para a qual Reinaldo Ferreira escreveu e realizou vários filmes. Inspirado pelos *serials* de mistério europeus e americanos, o filme dramatiza um caso que abalou o país e que Ferreira investigara em várias reportagens: o homicídio da atriz Maria Alves pelo seu empresário Augusto Gomes. Um documento singular sobre a sociedade e a cultura portuguesas nos anos 1920, **O TÁXI N.º 9297** é o terceiro título da linha de edição de cinema mudo português da Cinemateca.

Como complementos, esta edição inclui a curta-metragem cômica **RITA OU RITO?...**, de Reinaldo Ferreira (1927), e o ensaio audiovisual **OS MOTIVOS DE REINALDO**, de Ricardo Vieira Lisboa, sobre os filmes do Repórter X, bem como uma brochura ilustrada de 76 páginas com textos em Português e Inglês. Todos os filmes têm acompanhamentos musicais ao piano inéditos compostos e interpretados por Filipe Raposo propositadamente para esta edição.

Com a linha de edição de DVDs de cinema mudo português, a Cinemateca pretende apresentar filmes de um período que vai entre 1896 e 1930, das obras do pioneiro Aurélio Paz dos Reis aos títulos do final do mudo assinados por Leitão de Barros, pouco conhecidos do grande público, apesar de serem apresentados regularmente nas salas da Cinemateca. **O TÁXI N.º 9297** estará disponível a partir de 12 de julho.



Reinaldo Ferreira: O Repórter X



Reinaldo Ferreira (1897-1935) foi o repórter português mais famoso de sempre. Assinou muitos dos seus textos com o pseudónimo Repórter X, que também foi o nome da efémera produtora cinematográfica que dirigiu em 1927 e para a qual escreveu e realizou quatro filmes. Jornalista desde muito novo, entrou para o diário lisboeta *A Capital* em 1914, com apenas 17 anos, onde se especializou na reportagem de crime e em todo o género de relatos sensacionalistas. Os seus textos sobre o mundo do crime lisboeta publicados neste diário entre 1916 e 1917 trouxeram-lhe a fama, bem como as suas reportagens sobre factos que não presenciara e locais que nunca visitara. Exemplo disso, a sua “viagem” à Rússia Soviética e consequente série de falsas reportagens alegadamente de lá enviadas, ou ainda as últimas palavras que atribuiu ao moribundo presidente Sidónio Pais, vítima de um atentado mortal que Ferreira não presenciou.

Escreveu para vários jornais e revistas lisboetas, entre os quais o *Correio da Manhã*, *O Diário de Lisboa*, *O Século*, *A Nação*, o *Correio da Noite*, *A Pátria*, *O Povo*, *A Tarde* e as revistas *ABC* e *Civilização*. *O Século* publicou a sua novela *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, adaptada ao cinema por Leitão de Barros no filme **O HOMEM DOS OLHOS TORTOS** (1918), planeado como o início de uma série policial (projeto que ficou interrompido devido à dissolução da produtora Lusitânia Film).

Depois de 1919, trabalhou no estrangeiro como jornalista. Dirigiu delegações de agências noticiosas estrangeiras em Paris, Bruxelas, Madrid e Barcelona e colaborou em vários jornais publicados naquelas cidades. Foi em Barcelona que Ferreira trabalhou pela primeira vez em cinema como ator e assistente do ator e realizador inglês Aurelio Sidney (que apenas realizou dois filmes em Barcelona antes de morrer em Maio de 1920: **EL LÉON** e **MÁTAME**, ambos para a Studio Film e ambos correalizados com Juan Maria Codina). Pouco depois, realizou o seu primeiro filme, intitulado **O GROOM DO RITZ**, misto de filme de aventuras e policial rodado em Lisboa em 1924 para a produtora espanhola Turia Films (Valência). Continuou a trabalhar em Espanha como jornalista até as suas reportagens sobre a política interna daquele país lhe terem valido uma ordem de expulsão do mesmo. Regressado a Portugal, foi autor de uma reportagem sobre o assassinato da atriz Maria Alves (1927) que apaixonou a opinião

pública. Escreveu ainda uma peça de teatro sobre o mesmo assunto e conseguiu depois financiamento para a sua adaptação cinematográfica, intitulada **O TÁXI Nº 9297** (1927) e realizada para a produtora por si criada para o efeito, a Repórter X Film. Sem estúdios próprios, a rodagem dos interiores fez-se nas instalações da Invicta Film, que interrompera a produção cinematográfica em 1924. Nesta e nas produções seguintes da Repórter X Film, Pedro Santos, antigo *regisseur* da produtora portuense, e Maurice Laumann, antigo operador de imagem da mesma, foram os colaboradores mais próximos de Reinaldo Ferreira. No mesmo ano, realizou ainda para a Repórter X Film três curtas-metragens inspiradas em *fait-divers* jornalísticos da época e parcialmente inspiradas no estilo das comédias americanas: **RITA OU RITO?...**, **HIPNOTISMO AO DOMICÍLIO**, e **VIGÁRIO FOOT-BALL CLUB**.

Em 1930, algumas notícias deram-no como prestes a começar a realização de um novo filme, adaptação da sua novela *A Dama do Sud-Express*, o que não se verificou. Em 1929, fundou *O Jornal do Repórter X*, exclusivamente dedicado ao mundo do crime e quase inteiramente realizado por ele, mas de que se publicaram apenas alguns números até ao final do mesmo ano. Não voltou a trabalhar em cinema mas continuou a sua intensa atividade como jornalista e como autor de livros, folhetins e novelas policiais, cujos títulos se contabilizam pelas dezenas. Os seus últimos anos de vida decorreram entre internamentos e curas (foi um heroinómano durante largos anos). Em 1986, a sua vida foi objecto do filme **REPÓRTER X**, realizado por José Nascimento.



Filipe Raposo

Filipe Raposo nasceu em Lisboa 1979. Licenciatura em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa, obteve o seu mestrado em “piano jazz performance” pelo Royal College of Music de Estocolmo. Desde 2004 que trabalha como pianista, compositor e orquestrador com muitos nomes da música e do cinema português, entre os quais José Mário Branco, Fausto, Sérgio Godinho, Vitorino, Janita Salomé, Amélia Muge, Sara Tavares, Mafalda Veiga, Camané, ou Carminho. Trabalha regularmente com a Cinemateca Portuguesa como pianista acompanhador de projeções de filmes mudos, tendo assinado a música original para a edição DVD de **LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA**, de Leitão de Barros. Em nome próprio editou os discos *First Falls* (2011), Prémio artista revelação Fundação Amália, *A Hundred Silent Ways* (2013) e *Inquiétude* (2015). Filipe Raposo foi o compositor e intérprete do acompanhamento musical do filme **LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA** (Leitão de Barros, 1930), editado pela Cinemateca em 2017.

Luís de Pina sobre O TÁXI N.º 9297

«(...) O que surpreende em Reinaldo – neste seu segundo filme de mistério – é ter um estilo e, surpreendentemente, um estilo sóbrio, nada dominado pelos prolongamentos melodramáticos, sempre com uma evidente economia narrativa, o contrário do estilo empolado, “literário”, do cinema que antes se fizera na Invicta. (...)»

«(...) Reinaldo tinha a vantagem da prosa viva, dinâmica, imediata, do jornalismo (como Samuel Fuller, perdoem-me a súbita lembrança deste nome, também vindo para o cinema do jornalismo criminal, um caminho traçado no tempo do “Repórter X” pelo grande Ben Hecht) e conhecia suficientemente o estilo do “serial” (fora assistente de um dos seus nomes mais famosos, Aurele Sidney, o idolatrado Ultus) para recheiar um enredo e uma situação dramática com os mais inesperados e excitantes pormenores de “suspense” (...)»

«(...) ao descrever aquelas personagens insólitas, aquele mundo exótico e de algum modo sinistro, Reinaldo sabe do que está a falar, transpondo para a ficção a verdade que descobre no dia a dia do seu jornalismo febril. Não se trata, claramente de crítica social, mas de sinceridade expressiva, de caricatura que realça certos traços humanos porventura escondidos. (...)»

«(...) Um cinema de imaginação, se quisermos delirante, um cinema-espectáculo que o público aceitou e a crítica não destruiu, modesto nos propósitos, realista nos meios, feito ao sabor de um tempo novo, o tempo de um jovem de trinta anos que se revia nas pessoas, meios e factos puramente portugueses. (...)»



Sobre esta edição

Os restauros fotoquímicos

O negativo de câmara original e uma cópia em nitrato de celulose de **O TÁXI N.º 9297**, bem como uma cópia em nitrato de **RITA OU RITO?...**, deram entrada na coleção da Cinemateca em 1959. Os dois filmes foram restaurados nesse mesmo ano no laboratório da Ulyssea Filme, em Lisboa, que reproduziu as cores das cópias nitrato através de um processo experimental de tintagem química das novas cópias *safety* (tiradas diretamente do negativo no caso de **O TÁXI N.º 9297**; e de um novo internegativo tirado também em 1959 no caso de **RITA OU RITO?...**). Estes restauros foram apresentados na “III Retrospectiva do cinema português (1917-1930)”, na Cinemateca e em vários pontos do país, durante 1960. Em 1991, foi feita uma cadeia de preservação completa e uma cópia *safety* a preto e branco de **O TÁXI N.º 9297**, no laboratório da Tobis, a partir do negativo de câmara original.

Em 2017, os dois filmes foram novamente restaurados no laboratório do centro de conservação da Cinemateca (ANIM). **O TÁXI N.º 9297** foi restaurado a partir do negativo de câmara, complementado com planos da cópia nitrato. Os seus cartões de intertítulos originais foram digitalizados e transferidos para película (*film recording*). **RITA OU RITO?...** foi restaurado a partir da cópia em nitrato tintada e virada. Em ambos os casos, foi usada uma tecnologia de duplicação mais moderna (impressão ótica com *wet gate*) e as cores das tintagens e viragens das cópias nitrato foram reproduzidas fotograficamente através do método Desmet.

A digitalização e sincronização dos masters digitais

Esta edição parte dos internegativos de 35mm das preservações mais recentes de cada filme. Estes materiais fílmicos foram digitalizados em resolução Ultra HD (4096x3112p) num equipamento Cintel Black Magic, na Cinemateca, de que se fizeram ficheiros com o *codec* de imagem Apple Pro Res 422HQ e a resolução de 1920x1080p. As cores das tintagens e viragens foram recriadas digitalmente usando como referência as cópias nitrato. Os novos *masters* de imagem digitais respeitam a velocidade de reprodução original de cada filme.

O acompanhamento musical dos dois filmes foi composto e interpretado ao piano por Filipe Raposo. As sessões de gravação tiveram lugar em 11 e 12 de janeiro de 2018, nos Atlantico Blue Studios, sob a direção de André Tavares.

O *authoring* desta edição partiu destes *masters* digitais de imagem e som e usou os *codecs* de imagem MPEG2 (720x576p, PAL 4:3) e de som PCM 2.0 (48Khz, 16-bit).

A edição inclui ainda, como complemento, um ensaio audiovisual de Ricardo Vieira Lisboa intitulado “O Toque do Outro”.

Galeria de imagens

